



Belo Horizonte e o protagonismo na bismutoterapia da sífilis no Brasil

Rodrigo R. C. Silva (PQ)^{1*}, Carlos A. L. Filgueiras (PQ)²

¹ Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais (CEFET-MG Campus Divinópolis). [*rodrigoregis23@gmail.com](mailto:rodrigoregis23@gmail.com)

² Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

RESUMO

Este trabalho apresentará uma visão histórica da terapêutica da sífilis ao longo dos anos, com ênfase no protagonismo nacional de Belo Horizonte no desenvolvimento da bismutoterapia — tratamento baseado em compostos de bismuto — amplamente utilizado a partir da década de 1920 até a consolidação da penicilina, em meados dos anos 1940. O foco principal será a bem-sucedida parceria entre o médico José Baeta Vianna e o farmacêutico e químico-industrial Aggêo Pio Sobrinho, que fundaram, em 1928, na capital mineira, os *Laboratórios Iodobisman*. A empresa foi responsável pela produção de diversas formulações farmacêuticas, com destaque para o *Iodobisman*, medicamento à base de iodeto de bismutita (BiOI), que alcançou notável êxito comercial no combate à sífilis. Antes desse empreendimento, em 1923, também em Belo Horizonte, o médico Antônio Aleixo — catedrático da disciplina de Clínica Dermatológica e Sifilográfica da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte e considerado um dos precursores da bismutoterapia da sífilis no Brasil — sintetizou uma suspensão de bismuto elementar, comercializada sob o nome de *Bismuthion*.

Palavras-chave: Belo Horizonte, Sífilis, Bismutoterapia, Iodobisman.

Introdução

A sífilis é uma infecção sexualmente transmissível (IST) causada pela bactéria *Treponema pallidum*, que pode resultar em substancial morbidade e mortalidade caso não seja tratada adequadamente (1). Tornou-se uma epidemia na Europa no início do século XVI, assolando física e moralmente a população mundial desde então. No Brasil, foi considerada oficialmente como um problema de saúde pública no início do século XX, o que motivou a criação de diversas campanhas estatais antivenéreas, a inclusão de disciplinas de Sifilografia nas Faculdades de Medicina e a fundação da Sociedade Brasileira de Dermatologia e Sifilografia. Até o século XIX, o tratamento da sífilis baseava-se, sobretudo, em compostos de mercúrio. Na década de 1910, o arsênio destacou-se como alternativa terapêutica. Porém, assim como o mercúrio, apesar de celebrado como panaceia, logo teve sua eficiência questionada, principalmente devido ao longo período requerido de tratamento e aos frequentes efeitos colaterais relatados. Nos anos 1920, surgiu um novo agente terapêutico para a sífilis: o bismuto. Diversos compostos à base desse elemento passaram a ser sintetizados e comercializados em várias partes do mundo e, Belo Horizonte, a recém-inaugurada capital de Minas Gerais, participa ativamente, tornando-se protagonista no desenvolvimento da bismutoterapia da sífilis no Brasil (2).

Antônio Aleixo e o *Bismuthion*

O médico ouro-pretano Antônio Aleixo (1884–1943), um dos fundadores da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte e catedrático da cadeira de Clínica Dermatológica e Sifilográfica da mesma instituição, é considerado um dos precursores na fabricação de um medicamento à base de bismuto para o tratamento da sífilis no Brasil. Com a ajuda de Antônio José de Almeida, farmacêutico do

Laboratório de Análises Químicas de Minas Gerais, Antônio Aleixo produziu uma suspensão oleosa de bismuto elementar denominada *Bismuthion*, sobre a qual publicou, em 1923, no *Brazil-Medico*, importante periódico brasileiro de divulgação da ciência médica à época. (Fig. 1). Nessa publicação, Antônio Aleixo destacou que o “bismutho metal” seria o responsável pelo valor terapêutico no tratamento da sífilis, afirmando que sua conclusão coincidia com a do médico romeno Constantin Levaditi (1874–1953), considerado o introdutor do bismuto na terapêutica da sífilis, cujos estudos, publicados na França no ano anterior, recomendavam o uso do bismuto elementar (3).

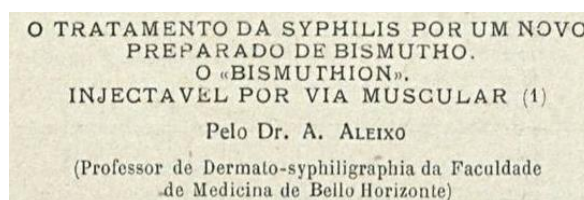


Figura 1: Publicação de Antônio Aleixo sobre o *Bimuthion* no periódico *Brazil-Medico* em 1923 (4).



Figura 2: Anúncio do *Bismuthion* no periódico carioca *O Jornal* em 1925 (5).

José Baeta Vianna, Aggêo Pio Sobrinho e o Iodobisman

José Baeta Vianna (1894-1967) nasceu na cidade de Bonfim-MG, graduando-se em Medicina em 1919 pela Faculdade de Medicina de Belo Horizonte. É considerado um dos precursores da Bioquímica no Brasil. Aggêo Pio Sobrinho (1902-1983), nasceu em Dorcas do Indaiá-MG, graduando-se em Farmácia em 1921 pela Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, e em Química Industrial em 1925 pela Escola de Engenharia de Belo Horizonte. Juntos, empreendem a partir de 1928, a produção do *Iodobisman* (Figs. 3 e 4), suspensão oleosa de iodeto de bismuto (BiOI), que obteve notável sucesso comercial na terapêutica da sífilis (3).



Figura 3: Embalagem e ampolas do *Iodobisman*. Fonte: Serviço de Informação Científica, Histórica e Cultural (SICHC) da Fundação Ezequiel Dias (FUNED).

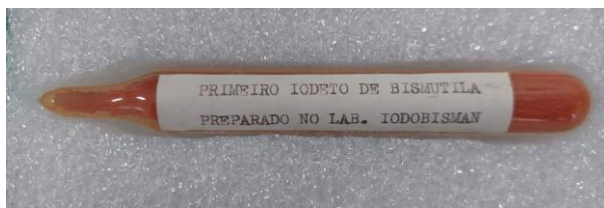


Figura 4: Ampola do *Iodobisman*. Fonte: Centro de Memória da Medicina/UFGM (CEMEMOR).

A partir de 1928, foi possível encontrar inúmeros anúncios comerciais do *Iodobisman* em diversos jornais no Brasil, incluindo relatos médicos sobre a “eficácia” do medicamento (Figs. 5 e 6), que contribuíram para notabilizar o medicamento em todo o Brasil e até no exterior (3).



Figura 5: Anúncio comercial do *Iodobisman*, no periódico *Sciencia Médica* em 1928 (6).

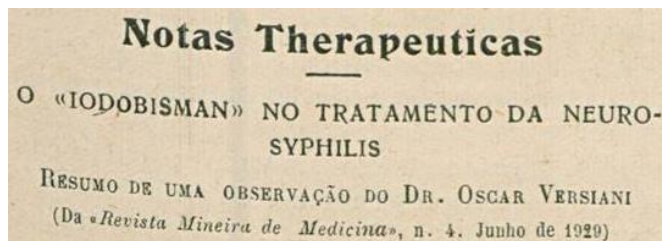


Figura 6: “Nota terapêutica” sobre o *Iodobisman* no periódico *Brazil-Médico* em 1929. Segundo o relato, o enfermo já tinha sido submetido a um tratamento com “sais solúveis de bismuto e arsenobenzóis” e os sintomas de sífilis persistiam. Após uma série de injeções de *Iodobisman*, “achava-se o paciente inteiramente restabelecido da doença” (7).

Até o final dos anos 1920, não foram encontradas na literatura nacional e internacional menções diretas ao iodeto de bismuto na terapêutica da sífilis, o que reforça a probabilidade de o *Iodobisman* como medicamento antissifilítico ter sido uma preparação original. A bula do produto ainda dizia ser ele “o primeiro iodeto de bismuto propriamente que apareceu entre os preparados injetáveis do país, e ao que nos consta, até mesmo do estrangeiro”.

A análise dos periódicos da época comprova que o *Iodobisman* não era usado apenas nos casos de sífilis, mas também como agente cosmético. No jornal *Correio Paulistano* em 1937, anunciava-se um relato de procedimentos para o cuidado da pele, e entre eles, “vinte injeções de Iodobisman” (8).

O sucesso financeiro dos *Laboratórios Iodobisman* permitiu que Aggêo Pio Sobrinho adquirisse diversas propriedades rurais que hoje constituem parte da região oeste da capital mineira, principalmente o bairro Buritis. Já Baeta Vianna, destinou os lucros da venda do *Iodobisman* para financiar os laboratórios da Faculdade de Medicina da Universidade de Minas Gerais e a Fundação Mendes Pimentel, responsável pela assistência estudantil da universidade (3).

Conclusões

Belo Horizonte desempenhou um importante papel no desenvolvimento da chamada bismutoterapia da sífilis no Brasil. Pouco após Constantin Levaditi preconizar o uso do bismuto no tratamento das manifestações sifilíticas, Antônio Aleixo já produzia o *Bismuthion*, uma suspensão de bismuto elementar. Alguns anos depois, José Baeta Vianna e Aggêo Pio Sobrinho sintetizaram o *Iodobisman* — formulação à base de iodeto de bismuto — que alcançou expressivo êxito comercial. Esses exemplos evidenciam o protagonismo da capital mineira nas formulações de bismuto contra a sífilis, antes da consolidação da penicilina como tratamento padrão para a doença.

Referências

1. World Health Organization. Disponível em: <https://www.who.int/health-topics/syphilis>.
2. R. R. C. Silva; C. A. L. Filgueiras, *Quim. Nova* **2024**, 47, 1-13.
3. R. R. C. Silva, Tese de Doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, 2025.
4. *Brazil-Medico*, edição 25, 1923, p. 342. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/081272x/20219>.
5. *O Jornal*, edição 2046, 1925, p. 7. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/110523_02/22090.
6. *Sciencia Medica: Revista Brasileira de Medicina e Sciencias Affins*, edição 12, 1928, n.p. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/304077/5942>.
7. *Brazil-Medico*, edição 28, 1929, p. 805. Disponível em: <http://memoria.bn.gov.br/docreader/081272x/30264>.
8. *Correio Paulistano*, edição 24902, 1937, p. 10. Disponível em: http://memoria.bn.gov.br/docreader/090972_08/18426.